

No Amazonas

# Os Munduruku estão sendo roubados pela FUNAI

Com a tranquilidade de chefes de Estado, adentraram na sala do PORANTIM, o cacique Manoel Cardoso e o "Capitão" Manoel Rodrigues da Nação Munduruku, com seus 800 habitantes localizados no Posto Indígena do Cuatá, no Rio Canumã, próximo de Borba (AM). Estavam aborrecidos com o tratamento pouco diplomático que a FUNAI lhes ofereceu, além de se sentirem usados pela Secretaria de comunicação Social SECOM num programa de televisão montado para fazer propaganda do desacreditado órgão tutor.

Ao PORANTIM, no dia 3 de novembro, disseram tudo o que não puderam falar na televisão e que, mesmo que falassem certamente seria cortado, pois culpar sem ambiguidade a FUNAI, pelo atraso da demarcação de suas terras e a corrupção de seus funcionários no Posto de Cuatá.

Os líderes Munduruku criticaram o programa do SECOM, pelo curto tempo de 3 minutos que tiveram para falar. Destacaram também que a FUNAI convidou os Miranha, Sateré-Mawé, Tukuna mas na hora da gravação só deixaram falar os Munduruku e Sateré. "Mas então, perguntaram, por que trazer todos os outros?" O que mais revoltou os líderes Munduruku na sua estadia em Manaus foi o lugar onde a FUNAI os hospedou, a Casa do Índio. Lá os doentes de tuberculose, malária, e hepatite, não estão em local isolado da casa e por isso todos os líderes indígenas sentiram o perigo de levar doenças aos seus povos.

O Programa mostrava os povos indígenas e o CIMI no primeiro dia para logo depois abrir bastante espaço aos fazendeiros e coronéis da FUNAI. Nessa outra etapa os povos indígenas não puderam mais dizer nada, ficando sem rebater as deturpações que viriam em seguida. O CIMI se recusou servir de manipulação nas mãos da Secretaria da Comunicação Social que pretendia enfeitar e disfarçar os equívocos da política indigenista da FUNAI.

**CORRUPÇÃO DESCARADA**

"Na nossa comunidade existem dois problemas. Pelo menos a demarcação de nossa terra que ainda não saiu. Há seis anos temos promessas e nenhuma decisão." Cerca de 800 Munduruku, segundo o cacique Manoel Cardoso, já estão cansados da conversa fiada dos eternos fazedores de promessas.

"Outro problema é a invasão da nossa terra. Há quatro anos, um tal de João Gualberto invade nossa terra para tirar castanha, todo ano ele mete gente pra lá, todo ano a gente vai pedir pra ele tirar. E agora este ano ele está falando que vai meter gente de qualquer ma neira, mas na nossa opinião a gente não vai deixar ele entrar

não". A área dos Munduruku é rica em castanha, daí a apetite do João Gualberto. O cacique Manoel disse que a FUNAI atende os pedidos da comunidade no sentido de retirar o invasor, no entanto nunca tira de uma vez. Quando chega o período da safra, lá está o João Gualberto, e sua gente. A FUNAI ainda tem o desprazer de dizer que enquanto a área não for demarcada, os invasores poderão passar.

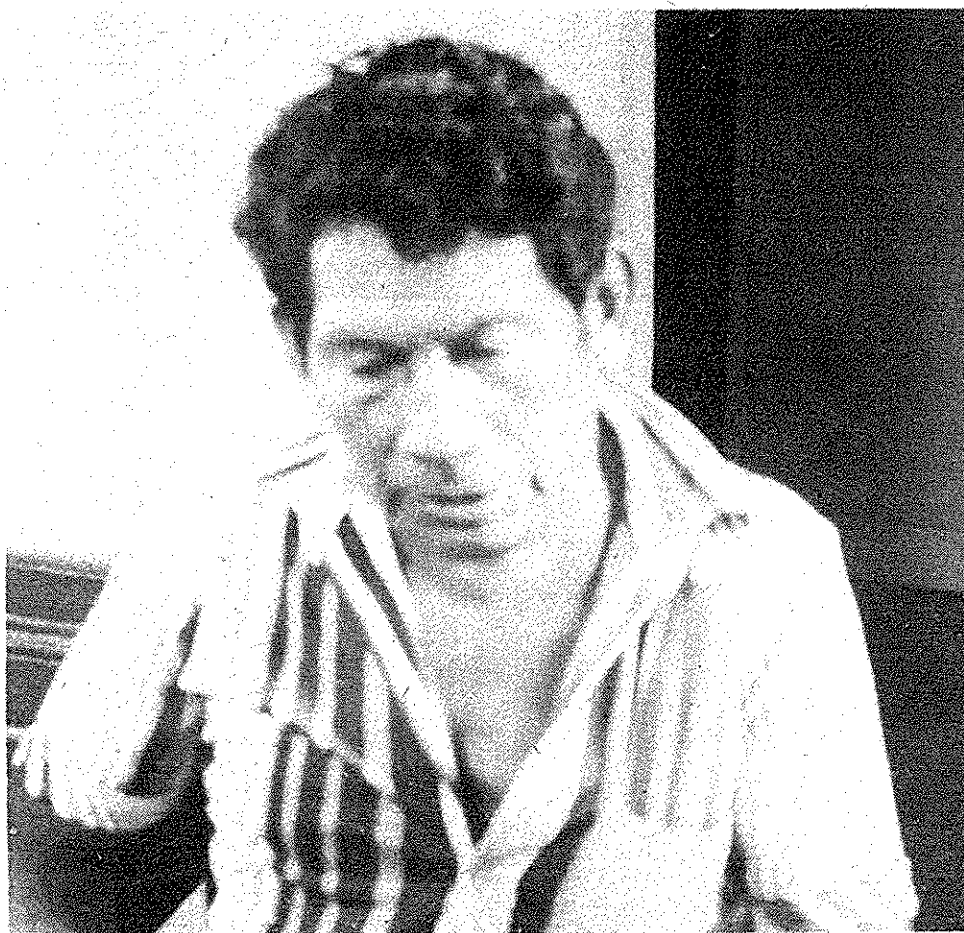
"Se a FUNAI, daqui pro fim do ano ou antes do fim do ano, eles não fizerem o trabalho que a gente está querendo, nós mesmos, da nossa espontânea vontade, reunimos o nosso povo, e vamos fazer a demarcação". O cacique confia que a União das Nações Indígenas - UNI - dê todo apoio possível à luta pela demarcação das suas terras e que possa "trabalhar pela gente".

Como se não bastasse o João Gualberto roubar as castanhas dos Munduruku, a própria FUNAI também tira as suas casquinhas. O líder Manoel Rodrigues denunciou que

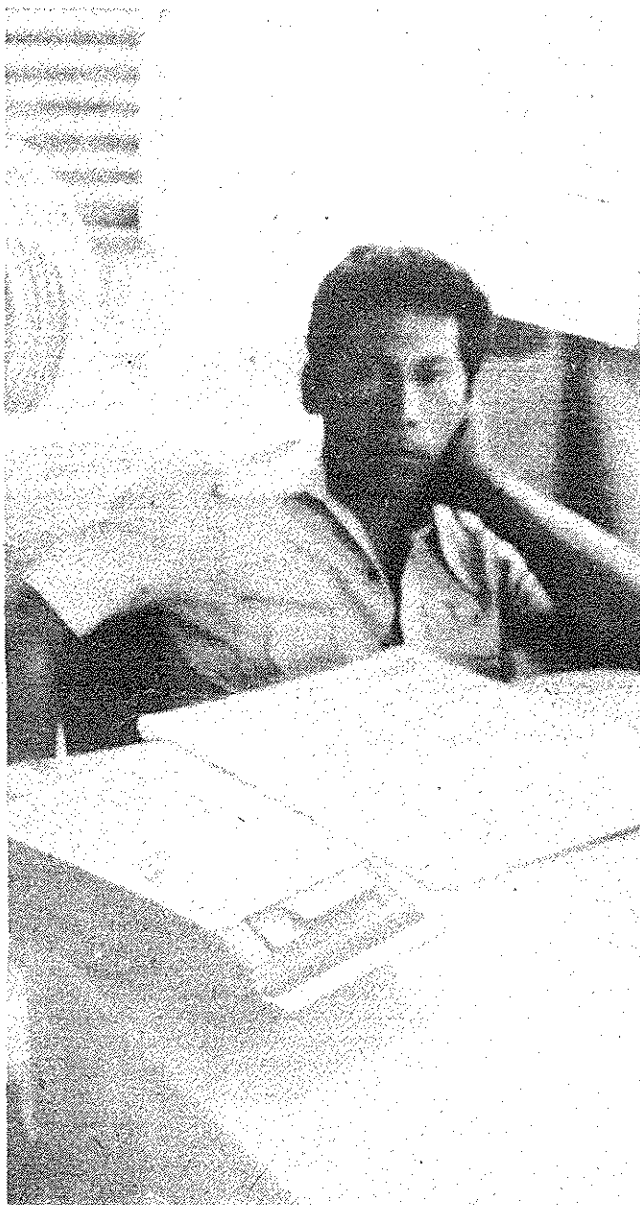
o funcionário Aguinaldo Barroso "pegou a produção de castanha da comunidade, que os Munduruku já tinha tirado, na marra, do João Gualberto, vendeu e não devolveu o dinheiro, à comunidade. "Esse homem enganou muito, enganou nós desconforme".

Parece que a FUNAI deu bronca na corrupção de Aguinaldo. Mais tarde, o líder Manoel Rodrigues soube que o corrupto funcionário tinha "depositado parece que 800 mil cruzeiros em Borba". Com a esperteza do ladrão, Manoel ouviu que "esse dinheiro vocês não podem tirar do Banco, porque está bem agasalhado. Diz que é da comunidade, mas ele, Aguinaldo Barroso, agasalha tudo no nome dele".

Mais tarde, Aguinaldo aplicou outro golpe. Convenceu os Munduruku a entregarem os rendimentos da venda da farinha, em torno de 8 mil cruzeiros, nas mãos do gatuno. Depois, com a maior candura, falou que iria "comprar um cofre e agasalhar esse dinheiro. Esse cofre nunca mais saiu".



O chefe Munduruku Manoel Rodrigues, quando denunciava as safadezas da FUNAI em nossa redação.



O Cacique Manoel Cardoso, da Nação Munduruku muito sério ao relatar as últimas investidas da FUNAI. (Fotos: R. Athias).